

202  
DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO

15

*Movimento*

QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$5





# GADO BRAVO

---

GRANDE FILME  
PORTUGUEZ

---



**P O R T O L I S B O A C O I M B R A**

<p><b>SÃO JOÃO</b></p> <p>MATINÉE DE 1 OU 8 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>50%</b></p> <p>2 ENTRADAS</p>	<p><b>O DE ON</b></p> <p>QUALQUER MATINÉE ATÉ 15 DE FEVEREIRO</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CENTRAL</b></p> <p>MATINÉE DE 2 OU 9 DE FEVEREIRO</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CONDES</b></p> <p>QUALQUER MATINÉE (Excepto aos Domingos) ATÉ 15 DE FEVEREIRO</p> <p><b>25%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>TIVOLI</b></p> <p>MATINÉE DE 4 OU 11 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>30%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>TEATRO AVENIDA</b></p> <p>MATINÉE DE 4 OU 11 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>30%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>
--	--	--	--	--	--

**B R A G A A V E I R O**

<p><b>TEATRO-CIRCO</b></p> <p>MATINÉE DE 4 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 Entrada de plateia</p>	<p><b>TEATRO-CIRCO</b></p> <p>MATINÉE DE 11 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 Entrada de plateia</p>	<p><b>TEATRO AVEIRENSE</b></p> <p>MATINÉE DE 4 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>30%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>TEATRO AVEIRENSE</b></p> <p>MATINÉE DE 11 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>30%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>
---	--	--	---

**T O M A R F I G U E I R A D A F O Z O V A R**

<p><b>— TEATRO — DE TOMAR</b></p> <p>SOIRÉE DE 1 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>25%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>— TEATRO — DE TOMAR</b></p> <p>SOIRÉE DE 8 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>25%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>TEATRO PENINSULAR</b></p> <p>SOIRÉE DE 1 DE FEVEREIRO</p> <p><b>30%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>TEATRO PENINSULAR</b></p> <p>SOIRÉE DE 8 DE FEVEREIRO</p> <p><b>30%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CINE-OVAR</b></p> <p>MATINÉE DE 1 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CINE-OVAR</b></p> <p>MATINÉE DE 8 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>
--	--	--	--	---	---

**Vila do Conde A L G É S Famalicão Quebrada Cruz**

<p><b>TEATRO AFONSO SANCHES</b></p> <p>QUALQUER MATINÉE ATÉ 15 DE FEVEREIRO</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CINEMA KURSSAL</b></p> <p>ESPECTACULO DE 7 DE FEVEREIRO</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CINEMA KURSSAL</b></p> <p>14 DE FEVEREIRO</p> <p><b>50%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>TEATRO OLIMPIA</b></p> <p>QUALQUER SESSÃO ATÉ 15 DE FEVEREIRO DE 1934</p> <p><b>40%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>	<p><b>CINE-PRAIA</b></p> <p>QUALQUER ESPECTÁCULO ATÉ 15 DE FEVEREIRO</p> <p><b>20%</b></p> <p>1 ENTRADA</p>
--	--	--	--	---

**movimento** \_\_\_\_\_ número 15

**quinzenário cinematográfico** \_\_\_\_\_ 1 de Fevereiro

capa, comp. e imp. da \_\_\_\_\_ 1 9 3 4

tip. costa carregal \_\_\_\_\_

tr. passos manoel, 27 \_\_\_\_\_

p ô r t o \_\_\_\_\_

propriedade de \_\_\_\_\_

armando e armando \_\_\_\_\_

assinaturas: \_\_\_\_\_

6 números — 9\$00 \_\_\_\_\_

12 números — 18\$00 \_\_\_\_\_

avulso 1\$50 \_\_\_\_\_

administrador e editor: armando barros \_\_\_\_\_

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto \_\_\_\_\_

este número foi visado pela comissão de censura \_\_\_\_\_







# A sedução das estrêlas de cinema



June Vlassek, a gentil vedeta da Fox Pictures, deve a fascinação dos seus lindos olhos ao

Produto



## RIMENAL

Preço

7 \$ 5 0

Vende-se nos bons estabelecimentos do Paiz

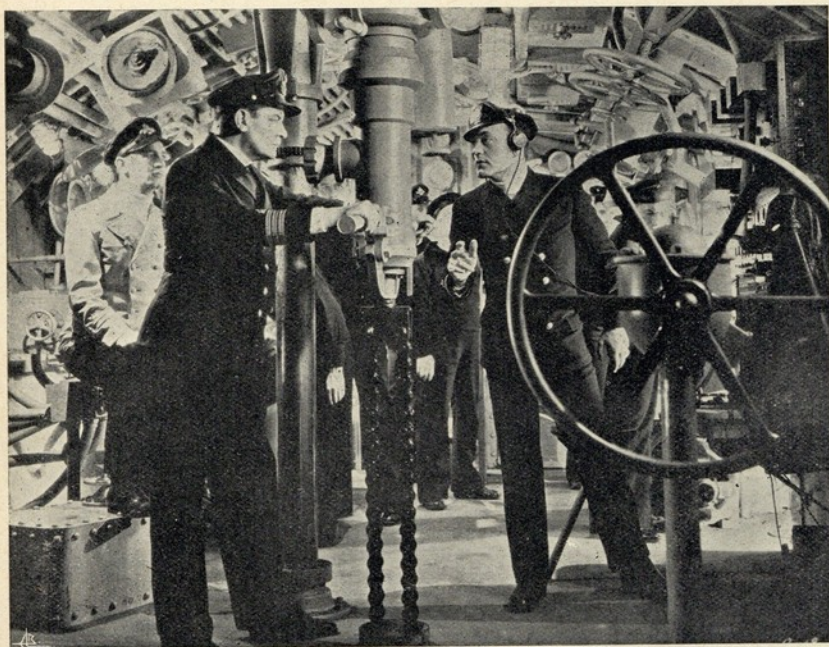
Sociedade de Perfumarias de Nally, L.<sup>da</sup> — Filial no Porto: Rua Sá da Bandeira, 136-2.º-Telef. 6164



Mais um grande programa de

# Filmes Castello Lopes, S. A.

---



## TESOIRO NO MAR

Um título que define bem claramente a própria acção. Originalíssimo e emotivo, prende-nos ao fundo do mar, onde se assiste à horripilante luta entre dois monstruosos habitantes submarinos—um tubarão e um pôlvo. Interpretação correspondente à grandeza do filme dos artistas RALPH BELLAMY E FAY WRAY.

COMPLETA ÊSTE PROGRAMA OUTRA GRANDE  
PRODUÇÃO

## PARA SER

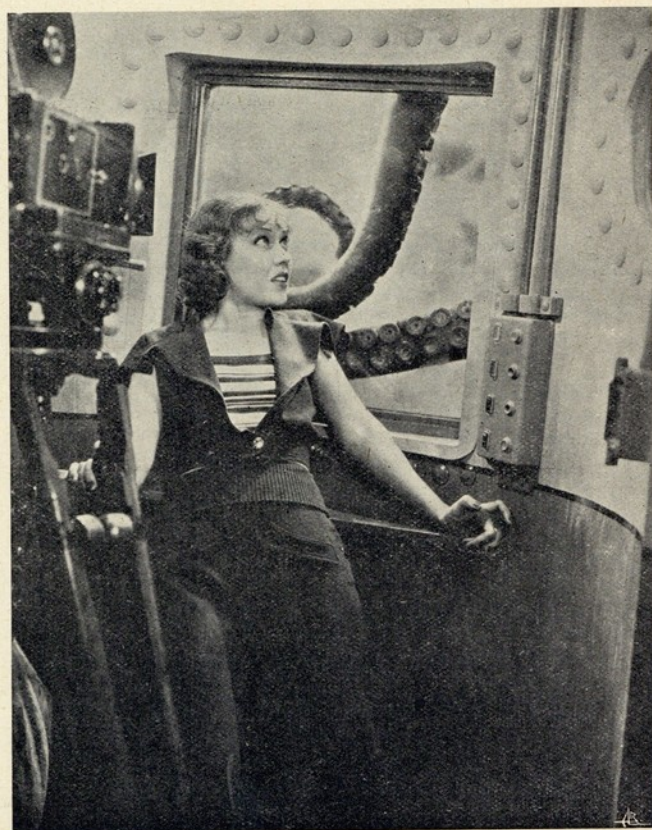
## AMADO

alegre comédia francesa com  
SUZY VERNON, PASQUALI  
e outras conhecidas vedetas.

---

Um grande programa de estreia no  
CINEMA CONDES, de Lisboa.

Um grande exclusivo de  
FILMES CASTELLO LOPES, S. A., Lisboa





# Aprendamos a ver reexibições

---

Aprendamos a ver reexibições! Eis o grito de guerra que é preciso levantar a *una-voce*. Até hoje a maioria do público cinematográfico — triste é dizê-lo, mas forçoso é confessá-lo — contenta-se em vêr uma produção uma vez só. E acha, em geral, repetir o mesmo espectáculo..... um frete.

Certo que nem todos os filmes merecem igual tratamento. Se existem películas as quais a bem dizer nem uma única vez deviam ser vistas, outras, no entanto, merecem da nossa parte uma atenção mais demorada. São essas que serão para aqui chamadas.

De várias ordens poderemos considerar as vantagens. Debaixo do ponto de vista técnico, uma reexibição faz realçar certos detalhes que desaparecidos teriam passado numa estreia e consegue dar-nos, com maior nitidez, o desdobramento rítmico-visual. Além disso uma análise fono-cinegráfica mais completa é susceptível de ser apreciada. Enfim, luz e som, ângulos e planos definem-se melhor para quem vê um filme segunda vez.

Isto não é novidade nenhuma para ninguém, mas parece andar esquecido e até bastante desprezado.

Mesmo sob o ponto de vista sensorial, a emoção produzida pelo filme varia de intensidade conforme o estado de espírito do espectador.

E está aqui, precisamente, o ponto-fulcro, o ponto-estalão que há-de medir o nível cultural de quem assiste a um espectáculo. Pergunta-se porquê. Responde-se, porque: não basta ir ao cinema para vêr apenas a projecção de imagens no écran; — essas mesmas imagens, quando o filme é bem realizado sugerem outras..... E são essas outras, êsse para além, o complemento da obra, o objectivo, a méta. Mas quantas vezes acontece, esta Maratona cinematográfica da projecção, exigir um pouco dos nossos nervos, um pouco mesmo da nossa vida!

\* \* \*

Eu não sei se aqueles que se interessam pelo cinema tiveram êste verão — como aliás sempre acontece na época calmosa — o cuidado de reparar na diminuta assistência das reexibições.

Êste fenómeno de índole puramente estatística, tem como todas as provas numéricas a sua explicação. Nêste caso é, indirectamente, o reflexo cultural do público frequentador de cine.

Partamos, ao encetar êstes ligeiros e despretenciosos comentários — dum ponto base o qual de resto não deve oferecer dúvidas a ninguém: o público ainda não aprendeu a ver reexibições; por isso as empresas escolhem a época de verão para repôr nas telas algumas fitas de sucesso.

Ora como nessa época a maioria dos espectadores citadinos se desloca para praias, termas e campo, a frequência às salas de espectáculos diminue.

Isto é claro como água. Daquí, o sistema adotado explicar com nitidez a existência da indiferença e do desprêso pelas reexibições. Por isso também um filme, por maior sucesso que obtenha, a custo consegue manter-se no cartaz além das duas semanas da praxe.

Poderia o público, durante a «season» cinematográfica, acorrer a um anúncio reexibidor duma boa película?

Esta experiência sairia cara ao empresário que tal fizesse. Mas — insisto na pergunta — dar-se-ia realmente a ausência do público a êsse género de programa?

Não tenhamos ilusões e lamentemos o facto que prova de sobejo a tendência de quem, na generalidade, assiste às projecções.

Mas isto não pode continuar assim. Exige-o a própria arte cinematográfica, exigem-no os verdadeiros cinéfilos.

Venham quanto antes reexibições de bons filmes. O ritual da reexibição precisa e deve ser atendido.

Precisa ser atendido, porque um filme só *vive* quando olhado e ouvido por quem assista ao espectáculo e *deve* porque só assim se conseguirá educar uma geração, que tem, incontestavelmente, o culto do cinema, mas sem saber porquê.

---

**a l e x a n d r e d e m é d i c i s**

---



# Crónica da quinzena

## DE LISBOA

Na minha crónica anterior falei-vos dum filme francês e duma actriz americana, aquêl e esta bem dignos da vossa atenção. Mas não ficareis mais satisfeitos, não serieis mais interessados na leitura desta prosa se vos falasse antes dum filme português realizado por um artista português?

Creio que sim! E posso anunciar-vos com prazer que disso me vou hoje ocupar. Leitão de Barros fizera do seu pequeno «Morris» a sala de visitas para amavelmente nos receber—ao Carlos Carneiro, ao Fernando Barros e a mim.

E enquanto rolávamos pelas largas avenidas da Lisboa nova, esquéciamos a belêsa da tarde que tombava, para ouvirmos, atentos, o que nos dizia da sua próxima realização o autor de «Maria do Mar».

Leitão de Barros estudou com cuidado, inteligência e saber os mínimos detalhes da sua «Balada de Coimbra». Contou-nos as linhas gerais da história, explicou a razão da escolha de Coimbra para local em que ela se desenvolverá, desceu às minúcias, desvendou «gags» e citou um nome: o de Nascimento Fernandes, a quem pensa entregar o principal papel.

A acção é fixada no princípio do século, o que não impede uma crítica indirecta e bem disposta a factos posteriores, nossos contemporâneos.

O aspecto geral do filme é o de uma comédia satírica e ligeira. Com uma históriazinha simples, e uma graça cheia de bom gosto e, por vezes, de elevação, «A Balada de Coimbra» visa imediatamente distrair todos que a virem; mas possui também um fundo de filosofia a que o próprio Leitão de Barros chamou *chapliniana* e que não deixará de agradar e fazer pensar uns instantes a minoria culta.

O principal papel é o de um negociante solteirão, dono de uma mercearia e de uma casa de «prego». O constante convívio com a academia, o próprio espírito moço que ela insufla à cidade, poetizam-lhe a alma, ensinam-no a sonhar. Ama uma sua vizinha—Maria da Luz—linda como os amores, a mais graciosa de três irmãs graciosas e que, indiferente aos galanteios do merceeiro e prestamista, suspira por um alentado e ingénuo estudante de Traz-os-Montes.

As situações que esta paixão provoca são o filme quasi todo—e Leitão de Barros não deseja, compreensivelmente, que êle fique desde já conhecido do público. Por isso nada mais direi do argumento, mas como compensação para a curiosidade dos leitores ofereço uma revelação sensacional: a família real portuguesa do princípio do século, aparecerá na «Balada de Coimbra» numa curta evocação.

Leitão de Barros tenciona suprimir todas as legendas, mesmo as iniciais, de apresentação ao filme; esta será feita, provavelmente pelo Dr. Ramada Curto, numa pequena palestra fono-filmada.

Em fins de Fevereiro próximo deve Leitão de Barros iniciar a realização da sua nova obra cinematográfica.

E se recordarmos «Maria do Mar», ainda hoje o melhor filme português, «Nazaré, praia de pescadores», êsse pequeno maravilhoso ensaio, e a própria «Severa» com defeitos grandes mas também com qualidades notabilíssimas—se recordarmos, enfim, a obra passada dêsse Artista que no nosso cinema é excepção, seremos levados com razão e justiça a oferecer-lhe, para o seu trabalho futuro, a nossa confiança de sempre.

E Leitão de Barros—todos o cremos—saberá, uma vez mais, merecê-la.

**a l e x a n d r e s e r p a**

## DO PORTO

Dois filmes de categoria foram reexibidos ha dias: «Traição» com o Charles Boyer numa altura interpretativa a que nunca mais chegou, e «Aguilha em Palheiro».

Se vos desse a escolher preferirieis que vos falasse, de preferência, sobre o primeiro destes dois filmes. É natural: galã simpático, atmosfera equívoca, certa pontinha de psicologia, muito disso a que vocês chamam, com imensa dignidade e imenso ridículo «degenerescência» e eu chamo com imensa naturalidade e imenso descaramento «humanidade».

Apezar disso ou—quem sabe?—por isso mesmo, vou falar-vos de «Aguilha em Palheiro». Vocês estão no seu direito, é claro, de não ligar nenhuma aos meus artigos. Mas eu estou no meu direito, não é menos claro, de não ligar nenhuma às vossas predilecções.

Vou, portanto, falar-vos desses quatro génios destrambelhados—os génios são todos destrambelhados, não é assim?—: Harpo, Groucho, Chico e Zeppo.

Vocês não simpatizam com êles, eu sei. E não simpatizam com êles, por esta razão simples, cretina, mas inabalável: nada do que êles fazem «é costume». E numa terra como a nossa—ô venerável museu de tradições!—tudo o que não «é costume» é crime.

Os Marx, de facto teem pancada na mola. Mas resta saber se é ser doido, fazer da vida—como êles—uma continua obediência ao momentâneo instinto, ou fazer da vida—como vocês—uma continua obediência a preconceitos e usos. Resta provar não ser o instinto,—expon-tâneo e, portanto, sincero—muito mais digno de veneração, obediência e respeito que o costume—mecanizado, portanto amorfo, e educado, portanto falso.

Como resta, de todas estas locubrações especiosamente intellectuais tirando um corolário prático na sua acessibilidade, saber se quando nos apetece dar um salto, devemos dá-lo, simplesmente «porque nos apeteceu», devemos, antes de o dar arranjar uma «razão de peso» como justificação do nosso, afinal, animalíssimo apetite, ou devemos pôr definitivamente de parte o saboroso saltinho, só porque o visinho de cima, que vende arroz ao quilo, rói as unhas e tem dinheiro nos bancos pode, ao ver-nos, escandalizar-se e perturbar a digestão.

Ora êste é, em duas palavras, o problema que nos põe os Marx. A sua maneira o problema está resolvido. Apetece-nos saltar? Pois bem: saltemos! Apetece-nos rir? Pois bem: riamos! Apetece-nos dizer as verdades às pessoas, mostrar-lhes o fundo maravilhoso ou vil do seu ser oculto, a hipocrisia das suas atitudes e dos seus salamaleques, a insuficiência da sua força para nos convencer da sua força insuficiente? Pois bem: façamo-lo. Seremos considerados doidos, é um facto. Mas teremos feito da nossa vida qualquer coisa de nosso, de belo, de sincero, de alto e de diferente, em troca de fazermos dela uma continua subserviência aos preceitos de outros, aos costumes de outros, às ideias de outros, a tudo o que nós não quizermos, não creamos, não amamos!

Vou começar, dizendo-vos a razão porque a «Aguilha em Palheiro» teve, na sua reexibição, uma casa «à cunha». Inteligência, gosto artístico, interesse do público por êsse quarteto genial? Não. Economia.

É que o filme foi no Rivoli, onde, para comprar o bilhete o espectador entrega dez tostões e recebe quinze de troca.

**a r m a n d o v i e i r a p i n t o**



# Nacionalismo e internacionalismo em cinema

*Juan Piqueras, escritor vanguardista de raríssimas qualidades, honra «Movimento» com o envio do artigo que abaixo se publica.*

*Por amabilidade sem igual e gentilíssima camaradagem, abandona Juan Piqueras por momentos a sua «forma» habitual, ou seja, a defesa de um cinema nitidamente proletariano, para tratar, com aquela inteligência e aquela autoridade fora do vulgar que possui, o actual problema cinematográfico português.*

*Assim e com extraordinária alegria nossa enfileira hoje, pela primeira vez ao nosso lado, um dos maiores nomes da literatura cinematográfica do mundo.*

«Movimento» traz-me regularmente as últimas informações sobre o último movimento cinematográfico português e as suas conseqüências na imprensa cinematográfica, com respeito às suas duas companhias ou empresas produtoras: a «Tobis Portuguesa» e o «Bloco H. da Costa». E o facto é, por si próprio, demasiado sugestivo para que, nesta minha primeira colaboração para «Movimento» deixe de analisá-lo, segundo o meu ângulo de cineasta espanhol e a minha posição internacionalista.

O que sucede em Portugal é a repetição exacta do que se passou em Espanha quando, em fins de 1931 e princípios de 1932, apareceram no nosso horizonte cinematográfico duas empresas anunciando uma produção espanhola: «Estudio Cinema Español, S. A.» e «Cinematográfica Española Americana» (Filial da Tobis). Como em Portugal, a imprensa espanhola dividiu-se ante as perspectivas das duas empresas, e surgiram as inevitáveis campanhas, movidas sempre por directrizes nitidamente económicas.

Na altura própria analisei detidamente este facto espanhol, aplicando-lhe a minha concepção materialista da história e profetizando o seu fracasso, determinado, de um lado, pelas fantasias financeiras que moviam os dirigentes da E.C.E.S.A. e do outro, pela falta de conhecimento do cinema e das suas funções que se denunciava nos animadores da C.E.A. Os primeiros, queriam construir em Aranjuez, com cinco milhões de pesetas de que lançaram acções cuja emissão nunca foi coberta, os maiores estúdios cinematográficos da Europa. E os outros baseavam toda a sua actividade numa lista de películas a extrair das obras de Muñoz Seca, Irmãos Quintero, Linares Rivas, Arniches, Ardavin e outros autores teatrais, os quais, além de deturpar a tradição do teatro mais representativo da Espanha, se limitavam sempre a traçar as suas obras com elementos puramente exteriores (porta-vozes de um pitoresco falso e caduco) e a desdenhar tudo quanto ha na vida espanhola podendo, com autenticidade e características próprias, manifestar-se dentro da história do mundo.

\* \* \*

Até aqui, Portugal e Espanha, cinematograficamente, iniciam-se pelo mesmo caminho. Isto é: a indústria nacional pretende opôr o seu próprio cinema ao cinema estrangeiro que lhe invade as pantalhas. Em distintos períodos, tanto um como o outro país, sentiram esta necessidade, que não souberam encher. Dada a situação económica do mundo, nem a Espanha nem Portugal poderão, dentro dos seus regimes políticos actuais, criar uma indústria cinematográfica forte. Podê-lo-ão, mas apenas quando o sistema do «compra e venda» seja substituído pelo do «intercâmbio internacional». Mas até então a sua produção cinematográfica será sempre limitada e incapaz de preencher as necessidades espectaculares do seu mercado interno, visto que as suas insuficiências estéticas e sociais estão de antemão asseguradas.

No entanto, dentro do seu regimen actual, Portugal e Espanha podem desde já trabalhar numa produção que, desde que seja orientada, não com vistas nacionais, mas sim com vistas internacionais, poderá chegar a um autêntico florescimento. A C.E.A. e a E.C.E.S.A. espanholas, até à data, nunca ultrapassaram os limites dos seus projectos. E isto quer dizer que não é sobre a experiência espanhola que devemos fundar-nos para canalizar um movimento em marcha, mas sim sobre as empresas semelhantes de Portugal que, com menos ruído e menor espalhafato oferecem já uma realidade cinematográfica permitindo algumas afirmações.

\* \* \*

De um lado temos a «Tobis Portuguesa» que acaba de apresentar o seu filme inicial: A CANÇÃO DE LISBOA. Do outro o «Bloco H. da Costa» termina a montagem de GADO BRAVO, e



talvez quando este artigo seja publicado o primeiro filme do Bloco tenha já sido visto pelo público português. Da «Canção de Lisboa», conheço apenas o material gráfico e literário que me ofereceu a imprensa portuguesa. De «Gado Bravo», foi-me permitido ver a filmagem de alguns «interiores», folhear uma colecção de fotografias e ver alguns centos de metros de película, já prontos. De todos os modos isto (quer para uma, quer para a outra película) é suficiente para me permitir ajuizar objectivamente do valor positivo e negativo destes dois filmes.

Em troca, não me é possível julgar subjectivamente estas duas obras. E sobretudo, o que possa esperar-se de cada uma das suas empresas produtoras, segundo as suas apreciações de princípio, e a orientação que fixou no seu início. Os animadores da «Tobis», conhecem os desejos do público português, o seu gosto de encontrar na pantalha muitas coisas que lhe são familiares; e ofereceram-lhe em «Canção de Lisboa» um assunto e uns intérpretes populares mas que, precisamente por estarem determinados por um «localismo» particular, dificilmente poderão sobrepassar os limites de Portugal, colónias e, quando muito, Brasil, país idiomáticamente irmão. Em troca, os animadores do «Bloco» quiseram fazer qualquer coisa mais que um filme «nacionalista», propondo-se realizar um filme que seja «nacional» mas que possa ao mesmo tempo ser, pelo seu motivo, um filme «internacional».

Ao falar de filme internacional, não quero afirmar que «Gado Bravo» possa sê-lo, no amplo sentido que ligo à palavra. Para mim são apenas filmes internacionais autênticos aqueles que se baseiam em ideias ou feitos nitidamente internacionais, como o é, por exemplo, a luta de classes. Neste sentido, para mim, o único cinema internacional, é o russo. No entanto existe outro tipo de filme, também chamado internacional, mas que, na realidade não passa da exaltação do nacional — o regional muitas vezes — e que a indústria cinematográfica, necessitada, como todo o aparelho capitalista, dos mercados estrangeiros, apresenta à curiosidade mundial como filmes «internacionais».

Mas para que um destes filmes seja «internacional», necessita um pouco mais que a apresentação de um motivo ou cenário nacional. Acima de tudo é preciso uma técnica, um sentido cabal do ritmo cinematográfico, uma cor e um ambiente justos, coisas estas que, à primeira vista, GADO BRAVO parece possuir, e a CANÇÃO DE LISBOA parece não possuir.

Ao fazer esta afirmação não pretendo, de modo nenhum, desvalorizar o filme da Tobis, nem exaltar o do Bloco. Não conheço nenhuma das obras, e dificilmente me seria possível determinar o valor de uma sobre a outra. Poderia fazê-lo, apenas, quando me fosse possível uma comparação objectiva que acusasse maior quantidade de autenticidade portuguesa num filme que no outro. De momento, não me interessa julgar outra coisa senão a orientação dos produtores. E para isto possui dados sufficientíssimos.

\* \* \*

Os editores da «Canção de Lisboa», parece terem confiado a maior parte do êxito da sua produção a dois artistas de teatro popularíssimos em Portugal: Beatriz Costa e Vasco Santana. Seguramente o argumento, a técnica e os demais acessórios necessários a uma produção cinematográfica foram subordinados ao estilo e à personalidade destes artistas. O mesmo é dizer que a Tobis começa por onde acabaram outras empresas cinematográficas actualmente na agonia. O bom cinema, hoje, já nem o faz a «estrêla» nem o argumento «local». Fã-lo, essencialmente, o director, a sua técnica e o problema «autêntico» que coloca. Se no cinema americano dos últimos tempos encontramos algumas obras de real valor, nem é no «Sinal da Cruz» nem no «Grande Hotel» que devemos procurá-las. Qualquer filme Warner, R.K.O. ou Colúmbia (sem «estrêlas», sem grandes figuras, feitas à custa de uma estrepitosa publicidade) é infinitamente melhor que todas essas «super-produções» enriquecidas por dez ou doze vedetas. E se isto sucede com o cinema americano, apoiado numa organização comercial digna de inveja, em figuras de relêvo universal, numa sólida experiência, que vai acontecer a uma produção inexperiente, necessitada de técnica, e sem valores rãicamente tam representativos que possam despertar interesse no estrangeiro?

Pelo contrário, o Bloco H. da Costa teve presente uma realidade que procurou remediar o melhor possível: a absoluta carência de técnicos cinematográficos nacionais, que foi procurar ao estrangeiro. Esta posição que o Bloco levou ao cinema português, é perfeitamente aquela que eu próprio aconselhei, em tempos, ao cinema espanhol, quando se pensou em pôr em marcha uma cinematografia nacional. Estou convencido que, nos seus actuais estados políticos, nem Portugal nem Espanha poderão produzir uma indústria cinematográfica de real interesse para o mundo. Mas, apesar disso, a atitude do Bloco torna-se interessante debaixo de todos os pontos de vista. E isto porque pode oferecer a Portugal, juntamente com uma boa economia, o meio de apresentar ao estrangeiro algumas das suas características próprias, além de preparar tecnicamente todos os elementos nacionais que possam dar no futuro, à arte e à indústria portuguesa, esse cinema que as gerações que os precederam não souberam dar-lhe.

De momento, é tudo quanto posso dizer. Enquanto a Tobis se propõe explorar a popularidade de duas vedetas nacionais, o Bloco, ao captar para o cinema português alguns técnicos estrangeiros de largos conhecimentos e sólida experiência, oferece a todos os elementos nacionais que saibam aproveitá-la, a ocasião de formar-se técnica e cinematograficamente para poder dar a Portugal um cinema próprio, ráico e representativo, sem necessidades de amparar-se nas iniciativas cinematográficas estrangeiras, movidas única e exclusivamente por motores imperialistas, ainda que, quasi sempre, se disfarcem de um chauvinismo «nacionalista» dia a dia mais inhábil e mais desacreditado.

Paris, Janeiro de 1934.

j u a n p i q u e r a s





**Aqui está uma paisagem bem portuguesa. Nada lhe falta: o miradoiro para que o olhar se deleite no horizonte, sonhando talvez, o casario branco a meio da encosta verdejante, e lá no alto a capelinha com a sua torre airosa, dominando o espaço. E sobre tudo isto, o sol caindo a rodos sobre a terra, num beijo estonteante de luz. É uma foto de «GADO BRAVO».**





# P A D D Y

um novo  
filme de  
JANET

Nenhuma artista do écran possui, tenho a certeza, tantas simpatias como Janet Gaynor. Simples, infantis, ao mesmo tempo doce e travessa, pequenos e grandes a adoram. Os primeiros, pelo que ela tem de idêntico consigo próprios; os segundos, pelo que possui de diferente. E o temperamento vário dos homens aqui se afirma de novo, como em tantíssimas outras contradições.

Ninguém esqueceu ainda—e quem o tenha esquecido cometeu um crime sem perdão—êsse filme estupendo que se chamou «Alvorada». Pouquíssimos terão esquecido todos os filmes que Janet fez com Charles Farrell. «Alta Sociedade» ou «Deliciosa», filmes que não eram, de modo nenhum obras primas, mas que eram, sem dúvida nenhuma, comédias, profundamente agradáveis.

Um dia chegou a notícia de que Janet e Charles Farrell se tinham separado, não voltariam a aparecer juntos nos écrans. E a simpatia irresistível de Janet apareceu-nos ao lado da figura sobria de Warner Baxter que para mim é um companheiro muito melhor escolhido.

Ora!—dizeis—Charles Farrell era mais semelhante, mais parecido, mais «par». Exactamente por isso eu vos afirmo ser melhor escolhido Warner Baxter.

Na vida como na Arte, os pares mais perfeitos não são os mais iguais. São, ao contrário, os mais diferentes. E a harmonia é tanto mais profunda, impressiona tanto mais, quanto mais dissemelhantes sejam as partes que se reúnem, para a formar.

Aqui, temos, de um lado: ternura, meiguice, infantilidade, travessura, irresponsabilidade e riso; do outro: um conhecimento consciente da vida, um coração que já «não corre a foguetes» como é uso dizer-se, sobriedade, calma, acertada e séria.

«Locubrações intelectuais—dizeis ainda!—

E eu dir-vos-ei: Pois sim. Mas com que êste novo par se apresentou «Papá das pernas altas» e nunca, anteriormente, um filme de Janet agradou tanto—o que não quer dizer nada!—nem tanta razão de ser, teve êste agravo—o que quer dizer muitíssimo!

Vem isto a talho de foice para vos falar de um novo filme Fox que muito em breve vereis e de que vos damos hoje, em primeira mão, algumas fotografias. Chama-se «Paddy», foi realizado por Harry Lachman e tem, nos papeis principais, Janet Gaynor e Warner Baxter.

O argumento, movimentado e curioso, foi escolhido de acôrdo com as possibilidades de Janet e o seu tipo pessoal.



---

Janet faz o papel de irmã de Margaret Luidsay que seu pai (Walter Connolly) pretende fazer casar com Warner Baxter. Este projecto enfurece-a em extremo porque sabe tratar-se apenas de um casamento de interesse, porque Warner Baxter é riquíssimo e Connolly encontra-se arruinado.

Ora, quando Janet nascera, seu pai esperava e desejava ardentemente um rapaz. De modo que, para minorar a decepção que lhe causara o nascimento de mais uma rapariga, criou Janet com o mimo, a liberdade, o à-vontade que daria ao filho que tanto e tam ardentemente desejara.

Janet é hoje uma rapariga livre, voluntariosa, espontânea, mimalha e impulsiva que nenhum escândalo amedronta, nenhum preconceito prende, nenhuma dificuldade faz recuar.

E, ao compreender que a única razão do casamento da irmã é o interesse financeiro do pai, resolve usar de todos os meios ao seu alcance para impedir esse sacrifício, tanto mais que Margaret está apaixonada por Harvey Stepheus.

Nas semanas seguintes, enquanto Janet vai fazendo distúrbios sobre distúrbios acontece esta coisa curiosa: Stepheus começa a enamorar-se de Janet, enquanto Margaret começa, por sua vez, a interessar-se por Baxter. E finalmente, vendo fracassar todos os meios que empregara para impedir o casamento, e ignorando o interesse que a irmã vai criando por Baxter, Janet resolve dizer toda a verdade.

Chega a noite do grande baile em que se há-de anunciar o noivado de Baxter com Margaret, que está radiante, porque já gosta dele. Mas Janet escangalha tudo chamando Baxter e dizendo-lhe que a irmã casa com ele apenas com mira na sua fortuna.

Baxter aceita filosoficamente a situação e começa a interessar-se por Janet, a única, afinal, que não pretendeu enganá-lo. E depois de muitas peripécias tudo acaba em bem, como é costume dos filmes de Janet e do agrado do público.

Aqui têm vocês o filme «Paddy» que a Fox vos mostrará muito em breve.

---

r i b e i r o   d a   s i l v a

---





Marianela de Castro, a nossa inteligente camarada, regressou ao Porto completamente restabelecida da doença teimosa que tanto tempo a teve longe de nós.

Regosijamo-nos com o seu regresso, pelo duplo motivo da sua saúde e da alegria que a sua presença traz à redacção.

O próximo filme de Leitão de Barros, «A Balada de Coimbra», não será produzido pela «Tobis» nem para a «Tobis», como chegou a pensar-se.

Ainda a propósito de «A Balada de Coimbra» podemos dar uma agradável notícia aos nossos leitores «tripeiros»: as primeiras filmagens, provavelmente nos fins de Fevereiro, serão feitas no Porto, para uma cena que decorre na estação de Campanhã.

Terão assim os cinéfilos portugueses ocasião de ver trabalhar o realizador português que, até à data, melhores provas prestou.

Entre as grandes produções dos Artistas Unidos, que serão apresentadas ainda nesta época nos principais cinemas de Lisboa e Porto, figura a versão sonora do grande filme do tempo «mudo» «Capitão Sorrel», formidavelmente representado o papel do protagonista pelo grande actor «W. B. Warner», o nunca esquecido artista do «Rei dos Reis».

Esta fita já se encontra em Lisboa, estando a ser legendada em português, dependendo apenas a sua estreia das anteriores marcações de programas.

Do «Diário de Lisboa» de 13 de Janeiro transcrevemos: «Vittorio Mussolini, filho do Duce e um dos «balilas» que vieram a Lisboa, faz a crítica cinematográfica num jornal da juventude italiana e com tal severidade que não poupa nem a produção nacional. O jovem Vittorio, que tem 15 anos e não conheceu os tempos aureos de Pina Menichelli e de Bertini, entende que para estimular os produtores italianos é indispensável não lhes ocultar os defeitos e que só assim será possível fazê-los competir com os concorrentes estrangeiros».

Tal Pai, tal Filho. Simplesmente, tam digna de aplauso é, para nós, a atitude do Filho em matéria de cinema, como digna de censura é, em política, o sistema do Pai.

Podíamos dar publicidade aos informes apanhados em genuínas fontes a respeito da estadia demorada em Portugal de um grupo estrangeiro, vindo em ar de estabilização de interesses cinematográficos na nossa linda terra. Não lhe falta material, direcção ou realização, nem a maior parte dos elementos financeiros. Porém, como não procedem aventureiramente, antes desejam consolidar as suas primeiras posições, têm estado dependentes as negociações duma aliança que pretendiam, pela qual ficava assegurada (em parte) a colocação do restante capital indispensável, assim como do trabalho produzido.

Para não alvoroçar mais os «men-

# III COMUM VHLH

tidos», preferimos só noticiar as conclusões na devida oportunidade.

Em correspondência de Hollywood diz-nos a «Agence d'Information Cinégraphique»:

«Franz Lehar partirá brevemente para Hollywood afim de assistir, a título de conselheiro musical, à transposição para o écran da Opereta «Viuva Alegre», produção da Metro-Goldwin-Mayer, com Jeanette Mac Donald e Maurice Chevalier. A mise-en-scene será entregue a Ernest Lubitsch que receberá 200.000 dólares de ordenado (ao câmbio actual, cerca de 4.200 contos!!!!). Esta sóma devia conservar-se secreta, por causa do novo Código do Cinema que proíbe honorários de semelhante elevação.

Ora aqui tem os senhores: a primeira parte da notícia demonstra-nos o louvável desejo que tem a Metro de fazer conscienciosamente a sua obra; a segunda, mostra-nos o valôr real do tam celebrado Código, que serviu, afinal, para encher de ridículo aqueles que o fizeram, e mais nada...

A juntar à valiosíssima colecção de filmes contratados até agora temos conhecimento de mais uma nova lista em poder do antigo distribuidor Snr. Castello Lopes, há poucos dias regressado duma longa viagem pela Europa.

O filme «Rainha Cristina» com Greta Garbo, estreou-se a 26 de Dezembro no Astor de New-York. A volta de Greta Garbo que há muito não era vista nos écrans new-yorquinos deu ao caso fóros de sensacional.

A acção de «Rainha Cristina» desenrola-se no século XVII, relatando os amores da Rainha Cristina, filha de Gustavo-Adolfo, morto na Guerra dos Trinta Anos, com o embaixador de Espanha, encarnado por Jonh Gilbert. O filme, realizado por Rouben Mamoulian foi, de um modo geral, bem acolhido pelo público e pela critica.

Soutinho de Oliveira fez, na sua revista um agradável referência—de resto, absolutamente justa!—ao folheto do nosso director: «Charlot, a vida e a outra verdade». Sabemos que essa referência foi desagradavelmente comentada pelos próprios camaradas de Soutinho de Oliveira, tendo êsses comentários assumido publi-

camente uma forma agressiva e malcriada profundamente digna de censura.

Êste facto representa da parte dos agressores a sua proverbial deficiência intelectual e da parte do agredido uma paciência e compostura, francamente, dignas de melhor sorte.

A revista «Film Daily» de New-York acaba de publicar os resultados do seu inquérito anual sôbre os 10 melhores filmes. Interrogados cerca de 400 jornalistas e críticos cinematográficos americanos, o apuramento final deu o seguinte:

Cavalgada (Fox) . . . . .	286 votos
42. <sup>a</sup> Rua (Warner) . . . . .	206 »
A vida Privada de Henrique VIII (Artistas Unidos)	163 »
Adeus às armas (Paramount) etc.	157 »

E, mais adiante, em 8.<sup>o</sup> e 9.<sup>o</sup> lugares:

Eu sou um evadido (Warner)	147 votos
Raparigas de Uniforme (Krimsky-Cochram) . . . . .	123 »

Era caso para tomarmos cada um uma garrafa de sublimado corrosivo, se não soubessemos, de ante-mão, que se trata de uma classificação americana.

Sabemos que, por uma questão de inteligência do seu director, as ferroadas de certo *jornalista-repórter—gênio—cinéfilo—desportivo* têm ido ultimamente à caixa. Lamentamos, porque, sem escoadouro, a histeria aguda de que sofre o supracitado senhor pode tomar um carácter furioso, muito para temer.

A produção cinematográfica inglesa que foi, em 1932 de 153 filmes, subiu, em 1933 para 196, sofrendo, portanto, um aumento de cerca de 33 %.

Com vista aos produtores nacionais que desejem continuar estabelecendo comparações.

Hertha Thiele, a linda feia de «Raparigas de Uniforme» desempenha, com Gustav Diesse, os principais papeis do filme «A Rainha Branca» que passa, com extraordinário agrado, no Titania Palace, de Berlim.

No Ateneu Comercial do Porto encontra-se aberta ao público uma exposição de caricaturas da autoria de Fernando Lacerda. Ao moço caricaturista, dotado de um traço firme e de um raro poder de observação, enviamos um apertado abraço de parabens.

Convidado pela gerência do Cinema de Tomar, partiu para ali afim de fazer uma conferência de vulgarização cinematográfica, o nosso director sr. Armando Vieira Pinto.





Foto Paramount

# Cow-boys —quando?

Todos quantos, para mal dos seus pecados, ultrapassaram já aquele *quartelão*, ideal dum parisiense, por Nobre celebrado na «Canção da Felicidade», devem por certo recordar, quasi e até às lágrimas, os saborosos tempos de há quinze ou dezoito anos, em que aos primeiros sobressaltos da puberdade, o pão, o botão e o batalho, iam ser para sempre abandonados à indiferença das cousas inúteis.

Uma vez entregues, para escândalo das mães serôdias e dos papás acreditados no mercado, ao convívio inverosímil das mais fantásticas seitas de mal-feitores que teem avariado a fleugma gôrda dos honrados comerciantes das diversas praças, por esse mundo afligido o dócil consumidor, ou foragidos como precoces filhos pródigos, para essas outras tantas terras de promessa das nossas imprecisas ambições de adolescente, os pampas argentinos ou as savanas do Colorado, do Texas e do Far-West—nós nos havíamos transformado assim, interiormente, num autêntico cinema vivo, o mais animado, o mais profundamente humano que se realizará e realizará, porque o celuloide do filme era o próprio sangue novo, isento ainda de pecado, que fervia através a elasticidade pronta das nossas artérias. Os argumentos iam-nos buscar à leitura absorvente e sófrega dos «Raffles», de «Nick Carter», de «Sherlock Holmes» e de «Miss Boston» ou a esses deliciosos «Texas Jack» cuja coleção completa, organizada sabe Deus com que esforço e sonho, eu perdi num dos dias talvez mais amargurados da minha infância, aliás tam animada e *valida*, quando a censura, já então estabelecida, veio interdizer as admiráveis e nunca mais consentidas realizações desse extraordinário cineasta íntimo de sonhos que todos nós somos em criança: a apreensão levada a efeito pela mão afuselada

e branca da snr.<sup>a</sup> D. Emília, minha mestra—a primeira mão que eu vi de unhas pulidas, excepcionalmente pulidas, e que tanto mal me fizeram ao acordar das *sensações transferidas* ainda embionárias, unhas onde havia qualquer coisa de silvo que ainda hoje, ao recordar, me transtorna os nervos.

Que será feito dessa mulher que me ensinou a ler e a contar? Aqui lhe perdoou o mal que me fez, tam ignorante como os melhores sábios da especialidade, sobre esta cousa muito melindrosa e muito séria que é a psicologia das pequeninas feras infantis.

Se é professora ainda, que não deite verniz nas unhas e sobretudo que não apreenda mais com as suas mãos afuseladas e brancas, possivelmente cor de cêra já, as coleções dos «Texas Jack» aos seus alunos—os nossos filhos, quasi.

Por minha experiência, eu digo: só me libertei dessa verdadeira e grave mutilação que então sofri, quando o cinema me ofereceu as primeiras fitas de *cow-boys* e gaúchos. Mal sabia meu pobre Pai—como isto é já longínquo e se torna já tam triste!—quando me levava todas as quartas e sábados ao «Passos Manuel» (o «Trindade» ainda não existia) e eu assistia sózinho, no silêncio daquele grande cubo negro e compacto como a Kaaba de Mahomed, ao desenrolar das imagens sem fim, o poder catártico que sobre mim operavam.

Oh! onde vão Tom-Mix e Tim-Mckoy, a perder de vista em face desses que já ninguém recorda e todos esqueceram? Onde irão agora esses heróis da nossa infância que é afinal a infância do cinema? E quando voltará de novo essa fúria salutar dos filmes de *cow-boys*—em série, decantados filmes em série?

O destino fez também de mim professor, mas sem unhas pulidas e por isso não sei se justa ou injustamente. Não deixo de notar, entanto, entre a garotada que da escola primária entra no liceu, que a leitura dos «Texas Jack» ainda os prende. Em nome deles, pois, reclamo filmes de *cow-boys*, em vez das «Violetas Imperiais» ou de «Não deixes a porta aberta». A «Sonoro-filmes» podia bem encarregar-se de os distribuir já que parece não servir para outra cousa.

Para quando—filmes de *cow-boys*?

l u í s g u e d e s



# CATARINA DA RÚSSIA

Meus senhores, eu ainda me não vendi, apesar das atoardas. Por uma questão de moralidade? Não. Por uma questão de vaidade. É que avalio o meu valor num preço mais elevado que as ofertas que me têm sido feitas. Outro qualquer diria que não se vendia porque tinha uma consciência de espartano. Eu, como vêem, sou mais sincero e mais simples. Não é por uma questão de consciência que me não vendo. É por uma questão de preço.

E este introito era necessário porque, neste artigo, eu vou fazer réclame a um filme e vou tecer louvores a uma Empresa. Mas isto é assim mesmo, tal e qual o digo. Não procurem o mouro que «deve andar na costa» porque nesta altura, na costa, não anda mouro nenhum.

Os jornais franceses de há quinze dias não falavam noutra coisa senão na apresentação ao mundo, do filme «Catarina da Rússia» cuja estreia, em récita de gala, teve lugar em Paris, no «Miracles», na noite de 20 de Janeiro, com a assistência do Corpo Diplomático e do que de melhor possui a França na Política, nas Artes e nas Letras.

A estreia de «Catarina da Rússia» constituiu um acontecimento artístico e mundano, no meio elegante e intelectual de Paris.

De tarde, no Círculo Inter-Aliado, houve uma recepção promovida pela London-Film, produtora, e pelos Artistas-Unidos, distribuidores. Os convidados foram recebidos pelas gerências da London-Film e dos Artistas Unidos e pelos dois Douglas, pai e filho.

Douglas Fairbanks, filho, o principal papel masculino, do filme, veio assistir à estreia. E a sua viagem constitui uma coisa tam nitidamente cinematográfica, que não resisto a contá-la.

Prevenido à última hora e não desejando faltar por preço nenhum, Douglas toma em Hollywood um avião que deve conduzi-lo a New-York onde apanhará, à última hora, o paquete «Ile de France».

Uma tempestade de neve, porém, atraza-lhe a viagem, bloqueando o avião. E à chegada a New-York, tem a desilusão de saber que o «Ile de France» já partira.

Douglas não desanima, porém. Salta para uma canoa de corrida e persegue o «Ile de France» até o alcançar. E uma vez desembarcado em Bordeus salta novamente para um avião que o depõe no Bourget exactamente meia hora antes da recepção no Círculo Inter-Aliado.

Elisabeth Bergner, a protagonista, não pôde abandonar Londres. Mas telefona para o «Miracles». E a sua voz, ampliada por um microfone, é apresentada ao público pelo seu «partenaire».

A crítica manifestou-se com excepcionais louvores para este filme.

Colette, fazendo a crítica de «L'Intransigeant», e falando da interpretação, diz: «Modelada na mais feminina das argilas, Elisabeth Bergner possui, entre todos os dons, o dom maravilhoso de se transformar. Um filme alemão apresen-



tou-no-la há alguns anos, frágil, de rosto cavado, tôda nervos, revolta, sofrimento contido. Em «Catarina da Rússia» aparece-nos milagrosamente jôvem e com um dêstes sorrisos que não têm idade.

O «Imperador Pedro» é Douglas Fairbanks Júnior que se revela um grande artista.

E todo o filme em si é sumptuoso, perfeito, equilibrado. Uma cena a destacar: a cena da ceia em que o príncipe Pedro, futuro imperador, insulta a mulher em presença da amante.

Jean Prévost, fazendo a crítica de «Marianne» diz: O personagem da velha Imperatriz Izabel, que agride os seus favoritos, nunca esquece as preocupações do governo, e conhece perfeitamente os meios com que uma mulher pôde governar um país melhor que qualquer homem, é verosímil e é perfeito.

Mademoiselle Bergner (a jôvem Catarina) evoluciona e sabe evolucionar. Juvenil princesa alemã, a fúria de prazer da nobreza russa desorienta-a, e ela não faz com a velha Izabel a aliança íntima que ela lhe oferecia e que lhe

teria dado os meios de domesticar o futuro tzar. E aparece-nos maravilhosa de verdade e manha feminina, quando tenta conquistar, entre os futuros oficiais do seu regimento, as dedicações cavalheirescas e o amor colectivo de que pode vir a ter necessidade um dia.

Em suma, «Catarina da Rússia» sendo uma das melhores produções históricas que tenho visto, é, ao mesmo tempo, um filme sumptuoso, equilibrado e inteligente.

Houve um tempo em que os filmes passavam em Portugal dois ou três anos depois de terem sido vistos no estrangeiro. «Catarina da Rússia» vai ser apresentado no São-João, na próxima quarta-feira de cinzas, isto é: 20 dias após a sua estreia mundial em Paris. Isto representa um rêcord e representa o magnífico esforço da empresa do nosso melhor cinema. E agora, se quiserem, podem dizer que estas minhas palavras representam apenas amizade pessoal.

armando vieira pinto





# A GRANDE MURALHA

Distribuído pela casa Castello Lopes, eis um filme essencialmente espectacular, valorizado pelo ambiente exótico das cidades atropeladas da China, pela crueldade oriental, incompreensível para nós e natural e humaníssima para os filhos do Celeste Império, pela sua sensibilidade e inteligência, herméticas aos nossos pouco lúcidos olhos de homens do Norte.

É sobre ele que me coube hoje em sorte dizer-vos algumas palavras.

O seu título simboliza, como é fácil compreender-se, a diferença profunda, constitutiva que existe entre qualquer branco e qualquer amarelo, mas sobre tudo entre o americano despreocupado, juvenil e alegre—quantas vezes irresponsável e incoerente!—e o chinês manhoso, cruel, perverso e disfarçado. Em duas palavras vou contar-vos o argumento deste filme que Frank Capra realizou com aquela maestria que todos lhe conhecem e Barbara Stanwick (uma das melhores box-offices-stars da actualidade) Nils Asther, Walter Connolly, Lucien Littlefield e a japonezinha Toshia Mori interpretam, por uma forma que vos vai surpreender, tenho a certeza.

O filme é tirado de uma novela de Grace Zaring, e é pouco mais ou menos assim: Megan Davis (Barbara Stanwick) uma jovem e bela americana, vai para Shangai afim de se casar com um missionário, o Dr. Robert Strike.

À chegada é imediatamente chocada até ao mais profundo de si própria pela diferença fundamental que separa o mundo onde acaba de chegar, do mundo que deixara dias antes. Soldados de todas as nações, entre-matando-se sem mesmo saberem bem porquê; metralhadoras crepitando em todos os sentidos; a população misturada e heteroclitada da China correndo, desvairada, em todas as direcções; tudo se conjuga para a surpreender e a assustar, à sua chegada. E este tumulto, este como desvaio em que se vive em Shangai faz com que ela se desencontre do noivo.

Depois de várias peripécias, conseguem porém encontrar-se. E nessa mesma noite corajosamente Megan acompanha o seu futuro marido à zona de guerra, onde ele se dirige no intuito de prestar auxílio aos internados de um orfanato cristão que a barbaridade e a selvageria sem limites dos soldados chineses, embriagados de sangue, álcool e vinho mantem em permanente perigo de uma horrorosa morte.



O automóvel em que viajam, é porém, cercado, sendo Megan ferida no meio do borbórinho ocasionado pelo incidente. Perde os sentidos. E quando volta a si, atônita, encontra-se no comboio especial do General Yen (Nils Asther) personalidade poderosíssima e importante da região.

Megan é conservada prisioneira. Mas o seu cativo é fácil de suportar porque o general, que fôra educado, como muitos chineses da aristocracia, na universidade de Oxford, é um homem delicado, atencioso, correctíssimo e encantador, dotado de um como poder magnético para atrair as simpatias e a amizade de todos que com ele convivem de perto.

E agora começa o verdadeiro conflito. Yen encontra-se fascinado pela beleza da linda americana. Esta, por sua vez, vai deixando vencer o seu puritanismo nato pelos encantos e amabilidades do simpático chinês. E entretanto, na sombra, aproveitando-se da desatenção que, levado pelo amor, o general presta aos assuntos políticos, os seus inimigos tramam-lhe a ruína...





# CRÍTICA DE FILMES

## DO PORTO

**Terra Abrazadora**—Ao filme «Terra Abrazadora», que nos conta um conflito simplesmente humano, tratado numa maneira um tanto ou quanto convencional, uma publicidade propositadamente dirigida a certo público que vai ao cinema procurar excitações sexuais, chama: «o filme das paixões violentas e dos beijos escaldantes».

O filme, em si, é medíocre e desenvolvido numa forma teatral (diálogo explicando situações, apresentando personagens, conduzindo por vezes a acção e colocando a imagem em posição subalterna). Alguns ambientes estão bem compostos e da história sem valor, mas da qual se poderia ter tirado maior partido, destaca-se a figura curiosa de Valentina que Jean Harlow interpreta com certo brilho.

«Terra Abrazadora» foi-nos apresentado «doublé» em francês. O «dubbing», parasita insuportável, é desta vez bastante imperfeito, do que resulta, mais do que em outros filmes, aparecerem as imagens e as palavras desagradavelmente «descoladas», reduzindo, assim, consideravelmente, o interesse que o desempenho possa despertar.

**Uma rapariga dos demónios**—Não sei se Franziska Gaal conquistou ou não as simpatias do público, de mais a mais querendo uma publicidade intensa dar-lhe o lugar que Lilian Harvey deixou vago e que, sem ela, sempre ficará desocupado. A mim — para quem à vedeta, à volta da qual gira uma historieta qualquer que a põe permanentemente em relêvo, prefiro a artista que num filme ocupe o lugar de «elemento humano» nas mãos do realizador — Franziska Gaal não conseguiu ser motivo de entusiasmo. Talvez seja por culpa do argumento, engraçado mas banal e de valor medíocre. Mas, de qualquer forma, não me parece que Franziska Gaal possua qualidades bastantes para poder, sequer, ocupar um lugar paralelo ao que Lilian Harvey conquistou — e que merece — nem me pareceu que a sua vivacidade tam apregoada seja natural, mas sim um pouquinho forçada, um pouquinho «representada», se me permitem e se compreendem o termo...

**Uma rapariga dos demónios**, de resto, não passa dum comédiazinha vulgar, com «sex-appeal» e equívocas situações, qualidades que parece satisfazerem o gosto dum determinado público que não compreende o cinema senão como espectáculo inferior para entreter algumas horas descuidadamente.

**Almas da rua** — Até hoje, muito poucos foram aqueles que ao cinema souberam ou quiseram dar o verdadeiro lugar que lhe compete. Concedendo ao cinema um valor exclusivamente espectacular, considerando-o apenas como mercadoria que é preciso vender — ópio para adormecer as apreensões do homem e as inquietações dum época — a quasi totalidade dos «fabricantes de imagens», do Velho e do Novo Continente, não oferece ao cinema senão uma parcela mínima das suas naturais possibilidades e um mínimo espaço no terreno vastíssimo em que poderia, melhor direi: deveria espriar-se. Assim, desprezando o valor social, revolucionário

ou educativo do cinema, raro é que um filme passe além dum mero divertimento, agradável, sem intenções e sem responsabilidades. Na América, tanto como na Europa (porque os de cá não são melhores) e donde poderíamos esperar as maiores obras, por serem muito grandes as possibilidades desse país, que tem em mãos artistas, cenaristas, técnicos e realizadores de primeira classe, noventa e cinco por cento da produção cinematográfica mantem-se duramente sujeita a imposições comerciais que lhe limitam os passos no campo social. Ideias excelentes, motivos fecundos, vêm-los estragados, perdidos, inutilizados, porque os produtores não permitem que se vá até ao fim das coisas, para servirem, ao que parece, as imposições da bilheteira e o que eles consideram como «gosto do público»... esse público essencialmente pacífico e essencialmente burguês por cuja calma digestão mostram respeito sem limites... «E é pena».

Temos, como exemplo, esse filme interessante, honesto e bem feito, *Almas da Rua* (realizado por Frank Borzage), que no Porto passou tristemente despercebido e como complemento dum programa em que uma sensaboria idiota, com José Mojica, era a atracção principal.

Não conheço a peça de Frederik Ballord, «Young America», donde o filme foi extraído. Não sei portanto se a ideia do autor foi inteiramente respeitada, se alguma modificação a alterou. De qualquer forma, lamento que, mais uma vez, não se tenham levado as coisas até ao fim, para que a história acabasse dum forma agradável, convencional e um tanto precipitada. O caso daquele rapaz de treze anos, desamparado na vida, escurado pela sociedade egoísta, prestava-se à criação dum obra forte, violenta, profundamente humana e de elevada importância social. Mas para isso, o fim convencionalmente agradável e conformista deveria ser substituído pela queda do rapaz — como seria mais natural — no mundo dos «fora da lei», para lá atirado por culpa do egoísmo e da injustiça dum sistema social decadente. E então que formidável revolta não provocaria o filme! E então que grande lição não poderia representar!

Assim, tal como o filme acaba, para sócego da digestão do espectador burguês e das suas instituições, o conflito perde o valor social, fica inutilizado, para só ao coração se dirigir (literariamente por vezes) e revolver apenas o lado sentimental.

De resto, «Almas da Rua» é um filme cuidado e bem feito, muito homogêneo e bem digno dum lugar em destaque entre as mediocridades ócas desta pobre última quinzena cinematográfica. O assunto que expõe, merece atenção e interesse, e foi esse mesmo interesse (que falta na maioria das insignificâncias cinematográficas que vemos dia a dia) que me levou a fazer as considerações que leram acima. A valorizar uma inteligente realização, ha ainda o desempenho geralmente bom mas onde sobressai o trabalho excelente dos dois garotos, vivendo com alma e nervos os seus papeis.

**Hotel do Amor** — É fraquinha, também, esta nova comédia com Anny Ondra. Vê-se sem aborrecimento, mas sem entusiasmo. E só algumas situações bem calculadas (cênas no Hotel Atlantic da aldeia) a que Anny Ondra empresta a sua graça muito pessoal, animam um pouco o brando «andamento» de todo o filme.



**Os meus lábios enganam** — Desta vez os americanófilos intransigentes ficaram a perder. O primeiro filme de Lillian Harvey feito na América, foi uma lástima! E se não fosse ela, se não fosse a sua graça e o seu talento, o seu tam grande talento e a sua graça tam delicada, natural e espontânea, «Os meus lábios enganam» — pobre banalidade como realização e como argumento — não merecia sequer uma referência. Mas se o filme está mal maneado e é insignificante, totalmente insignificante, Lillian Harvey, apesar do mau aproveitamento que fizeram do seu valor, sobressai ainda, pelo seu próprio esforço, igual à Lillian Harvey dos filmes europeus que a celebrizaram, como grande artista cuja graciosidade e encanto nem um filme mau e um argumento insípido, conseguiram ofuscar.

alves costa

## DE LISBOA

**O ladrão de alcova** — Há já muito tempo que tenho por Lubitsch grande admiração e que o considero um dos mais notáveis realizadores de filmes.

Senhor de uma técnica surpreendente, êle não cristalizou, antes busca, num admirável desejo de evolução, novas fórmulas, novos processos, novas maneiras de expressão, demonstrando uma mocidade de espirito e uma insatisfação verdadeiramente notáveis.

Com o mesmo à-vontade, com a mesma segurança, Lubitsch aborda os mais opostos assuntos, desde o drama mais humano e verdadeiro à mais divertida e desconcertante comédia.

E se lamento que tenha sido obrigado pelo comercialismo de mau gosto dos produtores de Hollywood a desperdiçar durante algum tempo as suas espantosas qualidades com as palhaçadas do Chevalier, com mais alegria constatado agora o seu regresso ao bom caminho, o regresso de Lubitsch ao próprio Lubitsch.

Após ter deixado de dirigir Maurice, deu-nos essa obra prima que era «O homem que matei» e agora oferece-nos um filme delicioso.

No momento em que escrevo ainda só vi uma vez o «Ladrão de alcova».

Lamento sinceramente êste facto que me impede de fazer ao filme uma análise demorada, em que vos pudesse apontar, uma por uma, todas as subtilidades, todas as pequenas maravilhas de que êle está recheado.

Na verdade, é preciso vêr esta fita mais que uma vez, para lhe podermos apanhar todos os detalhes, toda a riqueza surpreendente da técnica.

Assim, limito-me a aconselhar toda a gente a ir vêr «Ladrão de alcova» que marca, no género humorístico e até satírico, uma etapa valiosa.

É um prodígio de graça, de imaginação e de bom humor, onde aflora enternecidamente de vez em quando, um triste sorriso de ternura.

Aquela do gatuno que roubou a Confe-rencia da Paz e que só não roubou a Paz... porque ela não existia, embora saia um pouco do ambiente do filme para entrar na atmosfera desviada dos Marx, não deixa por isso de ser genial.

E se, pessoalmente (porque sou um dos lunáticos que exigem do cinema alguma coisa mais do que êle nos costuma dar) eu preferia que Lubitsch continuasse a obra encetada com «O homem que matei», não posso deixar de aplaudir vivamente êste seu trabalho, que é verdadeiramente, no seu género, uma admirável *réussite*.

Uma interpretação excelente, como em regra toda a americana, em que se evidenciam Miriam Hopkins, Kay Francis e Herbert Marshal.

**A Armada Azul** — O cinema fascista italiano manda-nos enfim as primeiras amostras das suas possibilidades, e não se pode dizer que tenha entrado com o pé direito.

A «Armada Azul» é antes de mais nada uma demonstração politica de força, e por êsse lado não há dúvida que nos *convenceu* daquilo que afinal já todos sabíamos: que a Itália dispõe hoje duma poderosissima frota aérea.

Para adoçar a pilula o filme tem um enredozinho amoroso banal, sem interêsse, horri-velmente representado e pessimamente realizado.

Cinematográficamente «A Armada Azul» é um filme nitidamente mau.

Basta que esta fita esteja colocada no nível médio da produção italiana (parece-me que a apontam como uma obra prima!) para que não possamos esperar coisa de geito do cinema fascista.

Mas há ainda que considerar o conteúdo ideológico de «A Armada Azul».

O espirito bélico que o filme contém não merece ser discutido tão condenável é.

Como complementos de programa exibiram-se mais dois filmes italianos que ainda são, possivelmente, piores que «A Armada Azul».

**O Milagre de Lourdes** — Sinceramente, não sei que devesse dizer dêste filme. Se me dão licença vou contar em duas palavras o argumento.

Um professor de filosofia que citava Malebranche e não acreditava em milagres é um dia chamado repentinamente a casa porque sua mulher, que acabava de dar à luz uma criança do sexo feminino, se encontrava gravemente enferma.

E tão enferma estava que morreu.

E o professor de filosofia, como era natural, começou a viver exclusivamente para a filha.

Esta cresceu, e quando já estava em idade disso arranjou um noivo.

Mas acontecia que uma rica americana estava também apaixonada pelo rapaz.

Um dia em que as duas rivais viajavam no automóvel da americana, esta pretendendo tirar à outra uma fotografia que o noivo lhe dera, perdeu a direcção e o carro estampou-se.

A americana morreu logo e a outra ficou gravemente ferida.

Conduzida a casa, o médico afirma que para lhe salvar a vida era necessária a amputação duma perna.

Mas uma criada velha da casa e o noivo da rapariga é que não vão nisso, e enquanto o professor de filosofia vai a Paris buscar o operador, pegam na ferida e levam-na para Lourdes, pois assim entendem que ela se curará sem lhe cortarem a perna,

E o mais espantoso é que a rapariga curou-se milagrosamente.

O filme acaba por o pai filosofo, agora convertido, tirar um quadro da parede para em seu lugar pôr um Cristo crucificado, que outrora repelira violentamente.

Imaginem isto com uma realização banal e com uma péssima interpretação — e aqui está o que é «O milagre de Lourdes».

fernando barros





Olly Gebauer, com um olhar demorado e mórno que o sol e o movimento da lezíria fez mais expressivo mas mais saúdoso e porventura até mais distraído e distante, com uma bôca pronta e molhada de promessas que confundem os sentidos e os pervertem, parece aspirar vagarosamente o nosso clima que dá fôgo às rosas, veludo às camélias, perfume aos limoeiros e uma grande voluptuosidade esparsa às almas que sob a sua influência viram pela primeira vez a luz do dia, embriagadas na sua poalha de oiro. Flor do frio vinda, como de Áustria que é, das regiões ásperas do nordeste, ela dá-nos todo o conflito dum temperamento assim, no papel de Nina que em «Gado Bravo» desempenha.



# O mais novo distribuidor de filmes em Portugal, fala-nos...

---

No seu escritório de Coimbra, por entre a faina de assinar o correio, atender o telefone, dar ordens, etc., Silva Pereira, amabilíssimo, vai-me dizendo os seus projectos. Silva Pereira é um homem novo, enérgico, decidido, rude e franco. E tem, para mim, um valor curioso: foi o primeiro «homem de cinema» com quem eu falei, numa noite clara e tépida de Maio, sobre o «Movimento», que então não existia ainda.

Esta revista era, nessa altura, um sonho, e Silva Pereira, um desconhecido. Hoje, «Movimento» é uma realidade com a qual me ufano (tenham paciência, mas isto é assim mesmo!) e Silva Pereira já não é um desconhecido, mas um amigo. As velhas voltas do mundo!

Chegado a Coimbra há momentos, com demora de algumas horas escassas, fui cumprimentar o amigo e interrogar o distribuidor de filmes:

— «La Wally» é uma *produzione Pittaluga*?

— E um grande filme, responde Silva Pereira.

Telefonam da Figueira. Telefonam de Lisboa. Telefonam do Porto. Chega um homem de S. João da Madeira. Outro da Bairrada. E a conversa torna-se rápida, sem palavras supérfluas, sem pausas perdulárias, sem êsses silêncios carregados de imprevisto que são, afinal, o melhor condimento das conversas.

— Realizador?

— Guido Brignone.

— Intérpretes?

— Germana Paolieri, no papel de «Wally»; Carlo Ninchi, no de «Hagenbach»; Sabbatini, no de «Walter»;

Tomo notas. Silva Pereira, paciente, continua, entre duas penadas:

— Como sabe, o filme foi tirado da ópera do mesmo nome.....

— Do maestro Catalini?

— Exactamente. E o libreto é de Luigi Illica.

Pausa forçada. Telefone. Assinaturas. Acendo um cigarro, e ataco:

— O público gosta sempre de saborear um bocado de enrêdo, antes de ver o filme. É segrêdo, ou podemos fazer-lhe a vontade?

A Silva Pereira fazem uma certa impressão, na minha pergunta, as palavras «é segrêdo». E tenho de explicá-las, tenho de dizer-lhe que não sou jornalista nem repórter de pseudo-casos à sensation; que não passo a vida, portanto, à procura de

---







segrédos para os desvendar na praça pública, com um prazer impotente de velha beata ou sacristão de aldeia. Do que me dizem, conto apenas aquilo que me autorizam a contar, calando o resto. Questão de princípios e de profissão.

Mas o meu interlocutor tira-me um pêso enorme de cima do peito.

—E porque não há-de satisfazer-lhe êsse desejo, de resto absolutamente compreensível e legítimo?

E, apresenta-me o argumento, em italiano. Leio. E do que li, traduzo isto, resumidamente:

«A acção passa-se no Tirol, em 1800. Wally é filha de um rico proprietário e ama um intrépido caçador chamado Hagenbach. Mas o pai é contrário ao seu amor, impondo-lhe outro homem, Gellner.

Wally revolta-se. Foge para as montanhas e vive, dificilmente, guardando gado. Mas guarda, ao mesmo tempo, no seu coração estoico de virgem, o seu eterno amor.

Nêste meio tempo, morre o Pai. Wally regressa. Vem selvagem, mas traz intacto o amor que soubera defender e guardar, atravez obstáculos e privações.

Com o intuito de encontrar o seu amado, resolve Wally incorporar-se na procissão do Corpus Christi, tam característica no Tirol, como se sabe.

Hagenbach, porém, ignora o sacrificio que Wally fizera por êle e aposta com alguns amigos em como será capaz de a beijar,

E Wally, cada vez mais enamorada, com o seu amor fortalecido pelas lágrimas, pela distância e pela saudade, deixa-se beijar.

Sabe, porém, da aposta. Um desejo feroz de vingança enche-a, com a violência italiana do amor e do ódio. E consegue incitar o preferido de seu pai, Gellner, a vingá-la da ofensa que lhe fizera Hagenbach.

O filme toma, daqui em diante, uma larga amplitude. As personagens entram definitivamente no eterno drama, o mais igual e o mais vário, aquele que nada tem de novo e é sempre novo. Mas.....

Silva Pereira faz-me notar ainda o que de contribuição para a belêsa visual do filme nos trará a utilização acertada da maravilhosa paisagem tiroliana, cheia de alcandoradas montanhas cortadas de fertes plainos e aridos desfiladeiros.

Faz-nos reparar na música. E fala-me da novela que inspirou o operista, a célebre novela de Wilhelmine von Hiller.

Por mim, confio. Mas o futuro o dirá. E enquanto, nessa mesma noite, cortando a escuridão tempestuosa o rápido me leva para Lisboa, vou relendo a belêsa da letra de certas canções:

No, non piangete sulla triste sorte  
della su morte:

Là, della neve ascosa nel candor  
Vive mutata la fanciulla in flor!.....

A. V. P.



# Estação de Serviço

## SALA DE ESPERA

Há tempos expliquei aqui a técnica do «dubbing». Um leitor pede-me que exponha, agora, em traços gerais, a mecânica do «dunning». Acêdo, porque isso parece-me de geral interesse, e peço licença para recorrer à «Técnica Cinematográfica Moderna» de M. F. Alvor: O processo «dunning» é bastante engenhoso, e simples, e os americanos utilizam-no há muitos anos. Com êle conseguem-se certas combinações consideradas, dantes, como impossíveis. Suponhamos uma cena animada que deve servir de fundo e combinar-se com outra cena. Filma-se a primeira do modo habitual e do negativo obtido tira-se um positivo que se vira duma côr qualquer: amarelo por exemplo. Este positivo, designado com o nome de «transparente», faz-se passar no aparelho de filmar, entre a objectiva e um filme negativo (emulsão contra emulsão), durante a segunda tomada de vistas. Com este positivo, a camera funcionará como positivadora. A nova cena filmada, será iluminada com luz amarela e os actores trabalharão diante dum fundo uniforme de côr azul (complemento do amarelo). As partes do fundo que não estejam ocultas, em relação à objectiva, pelos «decors» ou pelos actores da nova cena, emitirão raios azuis que impressionarão o negativo branco de uma maneira inversa ao positivo virado, e darão um negativo normal com o fundo desejado. Para a obtenção do «dunning», a camera de filmar deve ser ligeiramente modificada visto que tem de passar dois filmes em vez de um. A combinação de fundos exteriores e cenas de estúdio evita viagens custosas ou a construção de grandes «decors». Além disso é fácil executar filmagens sonoras que não seriam possíveis em condições reais, porque os diálogos ficariam apagados pelos ruídos dos ambientes, como quando se trata de impressionar uma conversa numa sala de máquinas em movimento, ou num automóvel em plena rua, por exemplo.

## EXPEDIENTE

UMA FEIA — Ai vai a direcção que Você me pedia na sua última carta: Charles Boyer, 6, rue Dante, Paris (V), França.

ESTUDANTE CINEFILONUDISTA — Tem razão. Afinal a temporada não tem corrido tam mal como a princípio suposéramos e ainda bem. O público é que tem sido ingrato rareando nas salas de cinema, mais ainda do que o ano passado... E mal imagina você o perigo que isso representa, perigo sob todos os pontos de vista!... Estou mais ou menos de acôrdo com a sua opinião sobre «8 raparigas num barco» e «Cavalgada». Deve ter visto que a crítica feita nesta revista à segunda destas fitas coincide em quasi todos os pontos com o seu parecer. Perdoe-me não lhe dar uma resposta proporcional ao tamanho da sua carta, que me interessou bastante, mas você bem sabe que disponho de muito pouco espaço. Volte a escrever e diga-me o que pensa sobre a criação dum club cinematográfico.

ALBANO SOARES — Valeu! Ficamos contando com a sua adesão se conseguirmos criar o club cinematográfico. Estamos esperançados e vamos feimar. Ou vencemos ou temos um desgosto. Mas como já pusemos na nossa frente a possibilidade dèsses dois fins, nem um nem outro nos trará surpresas... Obrigado pelos seus aplausos amigos.

CINEMANÍACO — Na resposta a uma das

suas cartas deixei de lhe dar a direcção de Simone Simon. Ai a tem: 26, rue Penthiève, Paris (VIII), França.

O PRÍNCIPE NEGRO — A sua carta veio multada em 1\$20... Se Você não fôsse bom amigo, eu não lhe recebia a carta ou não lhe respondia. Mas vá lá... Você é um belo rapaz e a sua amizade por «Movimento» desculpa bem o seu descuido. As suas palavras de simpatia foram-me bastante agradáveis. E acredite que é a vossa amizade e a vossa dedicação, uma grande satisfação para nós todos, que fazemos esta revista sabe lá você com quanta energia, com quanto trabalho, com quantos dissabores... Leia o J de Mojica como «gue», assim como o g de Brigitte. Olhe que essas perguntas sobre pronúncia estão fora das minhas atribuições... Obrigado pelos seus desejos de ano-novo que sinceramente retribuo.

SULTÃO ABDEL-KRANIN — Você pensou no pedido que me fez?... Não? Pois foi pena. Então o meu amigo julgava que eu ia revelar-lhe o verdadeiro nome dessa leitora?... Nem para isso estou autorizado, nem me permito tal indiscrição. Tenha paciência. Obrigado pelos cumprimentos de boas-festas.

A. S. GOMES — Fica registada a sua adesão à nossa ideia da criação dum club cinematográfico. Obrigado. Mais tarde organizaremos outra festa, esteja descansado. O sucesso da primeira encorajou-nos. Estamos pensando também num novo concurso. Retribuo os seus amáveis desejos de feliz ano-novo.

MARIA LUIZA — Muito obrigado pelos seus amáveis cumprimentos de boas-festas. Foi pena ter perdido «Cavalgada». Era um filme de valor. Aconselho-a a não deixar de o ver quando for reexibido. Gitta Alpar mora em Berlim - Zellenforf, Zietenstrass, 3, Alemanha.

COCKTAIL — Creio que já lhe escreveram particularmente a respeito dos números atrasados de «Movimento», que deseja adquirir. Os números 1, 3, 4, 5 estão esgotados. Direi no «Apartado n.º 13» que o meu amigo procura êsses números. Pode ser que apareça alguém que queira ceder-lhos.

F. NUNES DA SILVA — Agradecemos sempre as cartas dos nossos leitores e gostamos que se ponham em contacto connôco, dando-nos a sua opinião sobre «Movimento», fazendo-nos sugestões, dando-nos ideias novas. E se ha coisas, na revista, que vos desagradem, digam-no sem receio. Obrigado pelas suas palavras de encorajamento e pela sua adesão à ideia da criação dum club cinematográfico. Esqueceu-se todavia de nos mandar a sua direcção.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR — «Nuestro Cinema» não se vende actualmente em Portugal. É uma excelente revista mensal que custa, salvo êrro, meia pesêta por número. Se tem interesse em assinar «Nuestro Cinema» escreva para 7, rue Broca, Paris. (Não tenho aqui à mão a direcção da secção espanhola, mas tanto faz, visto que a sua carta irá ter às mãos do director da revista).

## APARTADO N.º 13

J. M. CASTELA (R. Bordalo Pinheiro, 48 Coimbra) — Deseja adquirir os n.ºs 1, 3, 4 e 5 de «Movimento», que se encontram esgotados.

A M O K.



# Vêm aí filmes grandiosos a apresentar ainda esta época em Portugal pela «Metro-Goldwyn-Mayer»



## ESQUIMÓ

Uma epopeia do norte, com caçadas, combates e emoções inultrapassáveis realizada por W. S. VAN DYKE o homem que fez TRADER HORN e TARZAN



## Fra-Diavolo

A caricatura duma opera cómica, não podia deixar de ser um incomparável exito de gargalhada, com Stan Laurel, Oliver Hardy, Dennis King e Thelma Todd

## Rasputine e a Imperatriz

John, Lionel e Ethel Barrymore; numa grandiosa reconstituição da vida da última familia imperial russa e do poderio do famoso monge sinistro.



## O Inferno Submarino

Um filme épico, formidável, superior a TITANS do CEU, que foca a guerra dos mares, a guerra submarina e o problema das *viúvas morais*



## Como tu me desejas...

Greta Garbo e Eric von Stroheim num filme extraído duma obra de Pirandello e realizado por Georges Fitzmaurice



## Reunião em Viena

Música, um argumento leve e malicioso, e uma interpretação formidável de John Barrymore e Diana Wynyard

e muitos outros ainda que tornarão a época 1933-1934  
«O ANO RECORD da METRO»





Agfa

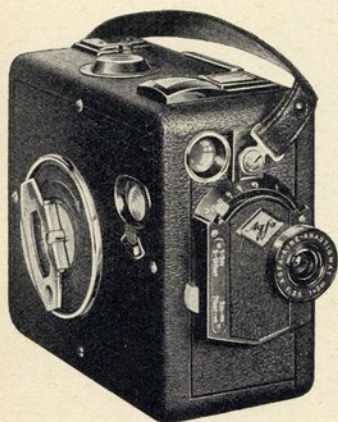
Agfa

Agfa

Agfa

Agfa

Agfa



Já experimentou  
o AGFA-MOVEX?



MÁRIO COSTA & C.A, L.<sup>DA</sup>  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º  
TELEFONE, 2571 — PORTO

---



Quem resiste a um  
modo tão bonito?  
—Vamos! Pinte a  
sua casa com

**M  
U  
R  
A  
L  
I  
N  
E**

TINTA A ÁGUA



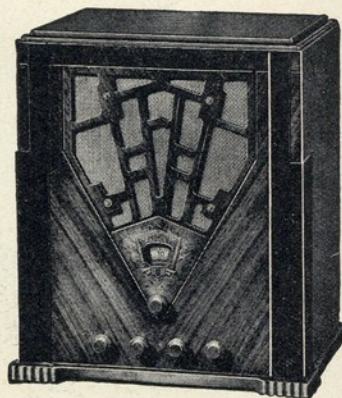
# CROSLY - RADIO

A VOZ DO MUNDO

Qualidade superior indiscutível

**BREVEMENTE:**

**Modelo Sexto — 6 lampadas, superheterodino, alto falante dinámico, onda curta e média Esc. 1.700\$00**



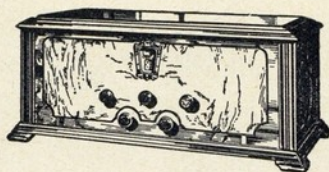
Modelo Europeu

Todas as voltagens. Ondas médias e compridas Esc. 5.600\$00



Radio Gramofone Esc. 3.500\$00

**Mais uma grande remessa a despacho na Alfandega do Porto...**



Modelo Secretary

Extra curtas e médias

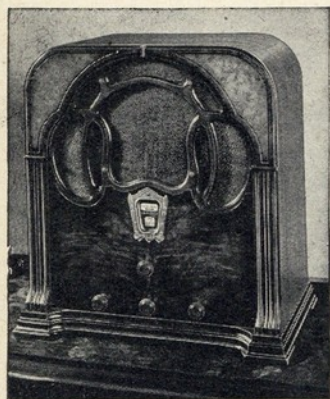
2 Alto Falantes — 10 lampadas

Televisão, etc.

O Melhor Receptor à venda no Paiz

Esc. 3.900\$00

**Brevemente serão expostos ao público os refrigeradores electricos CROSLY**



Modelo Mayor — 9 lampadas Superheterodino. Ondas médias.

A máxima selectividade. Sintonia automática Esc. 3.200\$00

**BREVEMENTE:**

**Modelo Travo — 4 lampadas, superheterodino, alto falante dinámico, onda curta e média Esc. 800\$00**

**Compre um CROSLY e...  
comprará o melhor**

Distribuidores exclusivos:

**CASA FORTE S. A. R. L.**

Rua Sá da Bandeira, 281 e Rua Santa Catarina, 20  
Telefone, 2425 — PORTO



Modelo Septet

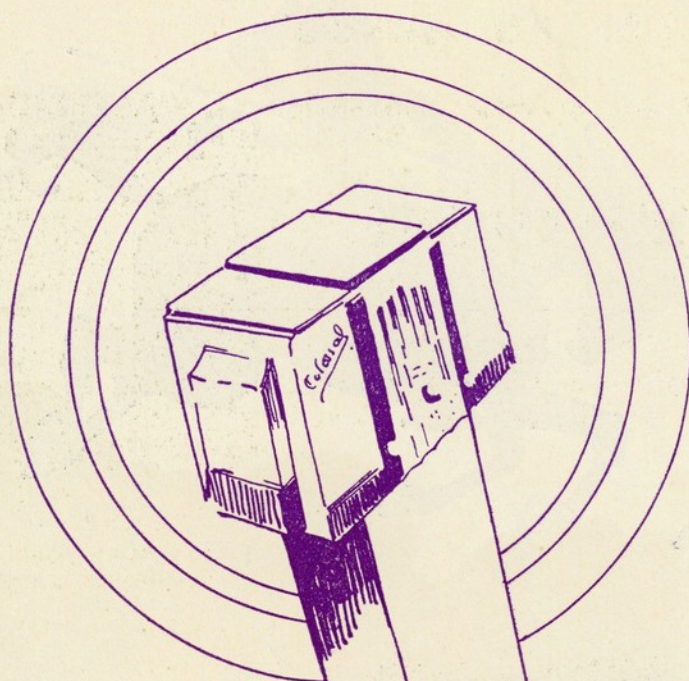
7 lampadas

Ondas curtas e médias

Esc. 2.100\$00



# COLOSSAL RADIO



Um aparelho  
pequeno que  
é um grande  
aparelho.



**Sociedade Comercial Luso Americana, L.<sup>da</sup>**

LISBOA — Rua da Prata, 145

PORTO — R. Sá da Bandeira, 339





# GADO BRAVO

grande filme português